Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

O processo criativo de Melk Z Da

The creative process of Melk Z Da

Por Cláudia Bettini*

Resumo:

Este artigo tem o objetivo de, com base nas características marcantes das artes de vanguarda, traçar um comparativo ao processo criativo do estilista pernambucano Melk Z Da, também artista plástico. Através das referências da arte pop e da pós-modernidade busco revelar a identidade dos métodos de pesquisa e criação utilizados pelo estilista, como também da própria descoberta de sua identidade criadora.

Palavras-chave:

Identidade, moda e arte pop

Abstract:

This article is based on the remarkable characteristics of the avant-guarde artwork and it aims at drawing a comparison of the creative process of Melk Z DA, a fashion designer from the State of Pernambuco who is also an artist. Through references of pop art and post modernism, I reveal the identity of the reserch and creation methods used by the designer, as well as the actual discovery of his creative identity.

Keywords:

Identity, fashion and pop art

* Bettini, Cláudia. Formada em Jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap/PE), cursando Design de Moda pela Faculdade Boa Viagem (FBV) e concluindo a pós-graduação em Jornalismo Cultural pela Unicap/PE;
claucarina@yahoo.com.br

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

A representação de um modo de vida através da escolha de um estilo vestuário, vai mais além quando se trata de um processo criativo, onde a identidade do artista, sua representação do mundo, se faz presente em todas as pecas desenvolvidas.

Através das referências da arte pop e da pós-modernidade, este trabalho busca uma análise dos métodos de pesquisa e criação utilizados pelo estilista pernambucano Melk Z Da. A pesquisa sobre a identidade criadora de Melk toma como base o pensamento de Dario Caldas, de que os objetos convertem-se em extensão da identidade dos próprios indivíduos, parte importante nas representações que fazemos de nós e dos outros, assim como com a teoria de que a verdadeira arte não tem nenhuma outra função do que a própria fruição, o prazer em si que ela proporciona aos sentidos, e complementa (2004:181):

> "Esse algo inexprimível que se sente quando lê uma poesia, admira-se uma pintura ou ouve-se uma canção que nos faz divagar. Idéias desse tipo favorecem a divisão entre as artes puras, de um lado – como a pintura, escultura, música, literatura – e, de outro lado, as artes aplicadas, ligadas ao cotidiano e aos modos de vida, como a decoração de interiores, objetos, jóias e roupas".

Assim como as artes corporais, o trabalho do estilista pode ser classificado artisticamente diante do relato de Lúcia Santaella (2005:33) de que nas primeiras décadas do século XX as obras de arte pertenciam apenas a duas grandes categorias: pintura e escultura, mas que a partir dos anos 1960, essas certezas sobre o sistema de classificação começaram a ser quebradas. Desafiando as concepções modernistas da época, movimentos como arte pop, minimalismo, conceitualismo, Land Art, Performance, Body art e o inicio das instalações provocaram o reconhecimento de que a obra de arte não se reduz à sua concepção interna, mais implica no contexto em que existe. Como afirma também Caldas (2004:69):

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

> "Os produtos das assim chamadas artes aplicadas (interiores, objetos, jóias, roupas) refletem um "espírito do tempo", definido em função de uma mentalidade, de uma visão de mundo e de um modo de vida dominantes, ou seja, de um certo comportamento social".

O estilista, assim como os artistas da arte pop extrai seus referenciais também das banalidades da América urbana, substitui a natureza, no sentido de campos, árvores, montanhas, por uma realidade construída pelos humanos, feita de edifícios, interiores, carros, motos, sinais, cartazes, outdoors, jornais, revistas, filmes, transmissões de rádio e TV, grafitagem,. etc. Na época do surgimento da arte pop, a realidade de bilhões de pessoas estava sendo modificada, passavam a viver não mais em contato com a natureza, mas em ambientes saturados de mídias e signos (Santaella 2005:38).

> A arte pop é uma espécie de metaarte ou metalinguagem, pois ela tomou como objeto não a realidade diretamente percebida, como fizeram os impressionistas, mas representações da realidade encontradas no desenho gráfico, nas fotos, nos anúncios publicitários, nas embalagens dos produtos e no cinema. Walker (1994:22)

Assim como descreve Walker sobre a inspiração dos artistas na arte pop, Melk Z Da também baseia sua inspiração no universo visual cotidiano e em referências artísticas já produzidas.

> "Gosto de todo movimento artístico, tudo ligado às artes... cinema, música... Acho que quando você está ouvindo alguma coisa fica mais sensível... A música guia o olhar... conversas, livros... Antes ficava um pouco preso às tendências da época. Querendo acertar, você sente a pressão sobre o que vai ser lançado, não pode ficar tão fora... Hoje não me preocupo tanto com isso. Quero saber o que estão usando, mas buscando sempre outros meios, pra não focar só em roupa".

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

Como afirma Caldas (2004:184): “A moda se define por essa constante tensão entre distinção e identificação, ou entre “fazer diferente” e “fazer igual”. Em entrevista a autora desta pesquisa, Melk procura definir a relação entre a obra e o criador:

> Um com conceito tem um pouco também do estilista. De quando eu comecei, às vezes tem coisas que eu vejo que não tem mais nada haver comigo porque são fases que você vai vivendo e vai mudando. Eu não gostava de cor, gostava de tudo muito pesado. Uma coleção que fiz para o Recife Fashion, em cima de libélula, era tudo nublado. Você vê a coleção de verão agora é sol, mulher nordestina, amarelo, que eu nunca pensei em usar.

A identificação com a moda autoral que desenvolve o estilista também pode ser analisada de acordo com as mudanças no modo de produção e distribuição da arte no movimento arte pop, onde se inseriu a recontextualização do conteúdo no momento da criação. De acordo com Santaella (2005:40):

> “Uma arte agora inserida em uma sociedade industrial, cuja produção artística deveria também ser industrializada. Porém, os artistas pop jamais se limitaram a copiar as imagens da publicidade e dos quadrinhos. Ao contrário, realizavam operações de tradução semiótica, se operava um processo ativo de transformação da linguagem dos meios de massa para uma linguagem específica da arte”.

Levando em consideração o pensamento de Dario Caldas (2004:181) também se afirma que a moda deve ser entendida como um fenômeno híbrido, em que o artístico e o industrial se imbricam: as esferas da criação, da técnica, da produção e do mercado envolvem competências de diversas ordens. Como ratifica Santaella (2005:36) quando declara que um das lições deixadas por Duchamp é a de renúncia à noção da unicidade do objeto artístico e sua diferenciação dos objetos comuns.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

Apesar de suas mensagens serem consideradas de difícil compreensão, os movimentos de vanguarda estética despertaram e continuam despertando o interesse das mídias, e o surrealismo e a arte pop provaram ser os mais atraentes dentro das agências de publicidade. De acordo com Santaella (2005:40), os artistas pretendiam estrategicamente retardar o reconhecimento e a leitura de suas imagens a fim de renovar a percepção, estender o prazer sensório e desafiar o intelecto do receptor.

> A justaposição da imagem do produto e da imagem da arte acaba por transferir ao produto a carga de valores culturais positivos, tais como beleza, nobreza, elegância, riqueza, notoriedade, de que a arte foi se impregnando no decorrer dos séculos. (Santaella 2005:42)

E para atingir o status de arte, se revela a insistência nos mais altos padrões de qualidade de produção, assim como no grau de liberdade que é dado à imaginação e criatividade.

A partir do final dos anos 1970 e início dos 80, as discussões sobre as artes, o design, a arquitetura, a moda e as subculturas foram invadidas pelos conceitos de pluralismo e pós-modernidade (Santaella 2005:46). E é possível identificar os discursos de Walker (1994:88) sobre a pós-modernidade na evolução criativa do estilista pernambucano.

> As misturas entre os estilos das artes plásticas, das artes aplicadas e das artes comerciais, entre as artes e as mídias eram todas encorajadas como recurso para produzir significados múltiplos e atingir públicos diversificados com diferentes níveis de sofisticação, graus de conhecimento e repertórios culturais.

Com forte influência de sua mãe e tias, costureira e bordadeiras, Melk tem como característica marcante as texturas e as técnicas artesanais que desenvolve em suas peças. “Talvez se tivesse vivido sempre num grande centro urbano, minha família trabalhasse em indústria, eu poderia estar usando textura de outra forma com plástico derretido, alguma

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

coisa assim", reflete o estilista sobre a habilidade cultural pernambucana do artesanal. "Tudo aqui é muito artesanal. Brinquedo mesmo, todos os que eu tinha quando criança, era eu que fazia", complementa.

"Sempre gostei muito de coisas refinadas, sempre fui extremamente crítico... Tenho bastante interesse por quem veste meu produto, o que eles lêem. Desde quando só fazia quadros, tudo que fazia era esse público mais refinado que consumia, o que acho até engraçado, porque sempre fui underground, contra a burguesia, mas tudo que fazia se alguém consumia era esse pessoal. Tanto é que quando eu fiz roupa, a primeira loja que vendi foi a multimarca Moda Nacional", relatou o estilista.

É possível perceber que o desafio de vencer o estigma de regionalismo e tornar sua obra universal é uma preocupação latente no cotidiano de Melk. O profissionalismo do estilista é demonstrado em vários aspectos: desde o fato de estabelecer um cronograma de trabalho; ao acompanhar do cotidiano de seu público-alvo; no aprofundamento de suas pesquisas; na preocupação em usar as referências apenas como base para criar algo novo, autoral; no zelo pela comunicação do seu trabalho, tanto através de um croqui atrativo à mídia quanto na amarração do conceito a ser apresentado; assim como na clareza de informações e no bom resultado do trabalho em equipe, que busca através do croqui técnico diferenciado que prepara para as bordadeiras.

O domínio sobre a representação de sua arte, é uma das preocupações do estilista, que mesmo estando no circuito comercial de moda do Brasil, não encara o apertado cronograma como limitação ao seu processo criativo. "Que muda um pouco, muda. Mas, quando você é limitado aqui, você encontra outras formas de mostrar criatividade e mostrar seu trabalho, até ajuda a ficar mais criativo".

Como método de trabalho, Melk diz colecionar produtos e idéias que considera interessante para depois realizar uma triagem. "Tive a idéia de um bordado, testo, colo e guardo. Depois eu vejo outra coisa, gosto, arquivo, venho pro ateliê e testo. Fico acumulando, depois vejo o que funciona e o que não", revela.

Apesar do constante uso de trabalhos artesanais, bordados e texturas, o estilista não acredita que esta seja a base de sua criação, considera um complemento para sua obra. "Pesquiso os bordados a parte. Vou vendo se encaixa no que eu estou fazendo".

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

> Gosto muito de criar bordados daqui da região, de fora, de outros paises. Tento fazer a minha versão. Uma vez, por exemplo, vi uma almofada indiana que gostei, e no final acabei usando apenas a linha e uns paetês de metal que achei interessante. Por quê vou usar a mesma forma, a mesma coisa, se eles já estão fazendo? Eu pego a técnica e tento fazer do meu jeito. Tenho muito interesse, principalmente, em texturas. É uma coisa que diferencia o meu trabalho dos outros estilistas. Todo mundo já vem em busca da textura. Uma jornalista americana chegou a me falar isso, que eu antes não considerava uma marca do meu trabalho. Agora procuro acentuar.

Sobre uma possível classificação de regional para seus produtos, por causa da representação da origem da produção, da prática manual dos bordados, apesar de reconhecer o fator atrativo, Melk se preocupa com o sentido perojativo que pode ser atribuído. “Às vezes atrapalha um pouco associarem tudo que é artesanal ao regional. A Prada, por exemplo, usa trabalho manual, mas ninguém diz que ela é regional. Só porque sou pernambucano o pessoal acha que só tenho isso a oferecer”.

> Fora do Brasil, o artesanal vende de todo jeito, eles gostam até do caricato, do folclórico. Tanto que Carlos Miele vende horrores, até vestidos de fuxico. Os gringos gostam, em São Paulo também, gostam muito da renascença, que para gente já cansou, mas eles acham que é novo, é bonito. Para mim até facilitou as vendas lá fora, o meu trabalho manual.

Formado em artes plásticas, o estilista diz que na hora de criar tenta poldar o lado mais artístico para tornar mais comercial seu produto de moda. Afirma que o processo criativo é bem parecido, mas que no início da carreira de estilista considerava mais arte, hoje, diante de todo o contexto comercial, começou a separar um pouco, até para não sofrer tanto com a roupa.

> “Antes eu achava que todo mundo tinha que gostar do que eu fazia, que era tudo lindo. Hoje, analiso que apesar de ter sido

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

> eu que criei, não sou eu que estou ali. Faço para os outros. Acho que você aprende mais quando tem esse certo desapego porque quando você gosta demais, você não escuta ninguém, você acha que já chegou no lugar certo, já está perfeito, aí não escuta mais ninguém".

Descrevendo seu processo criativo, Melk diz começar pensando na concepção estética. Primeiro surge a inspiração nas coisas que gosta, começa então a nascer a estória, que acaba num tema. Para ele, o interesse temático pode mudar no decorrer da criação. Apesar de sempre fugir de temas regionais, estar sempre ligado a culturas distantes como os desenhos japoneses, o Mangá, o pintor Gustav Klimt, etc., depois de sua carreira e identidade na moda estar consolidada, se arriscou a buscar referências na mulher nordestina para uma de suas coleções.

> "Antes podiam achar que eu só tinha isso a oferecer. Mesmo assim, alguns jornalistas estranharam e acharam que eu podia cair no caricato, mas não caí. Eu também quis fazer para mostrar que o nordestino pode ter uma visão diferente, que pode falar da cultura dele sem ser bairrista".

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

Referências

CALDAS, Dario, 1961 – Observatório de Sinais: teoria e prática da pesquisa de tendências. / Dario Caldas. – Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2004.

SANTAELLA, Lúcia – Teoria Geral dos Signos. / Lúcia Santaella. – São Paulo: Editora Thomson Pioneira, 2000.

BRITO, Jomar Muniz de - Do modernismo à bossa nova. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.